Entre a
Polônia e o Brasil
Histórias de família

Uma árvore polonesa

Famílias Mendelski, Chmielewski, Grabski, Wilke, Jankosz e Zubko

Relato de Marcia Aurelia Zubko

É difícil dizer exatamente de onde vem toda a minha polonidade, qual antepassado ou ramo da família mais influenciou quem sou hoje e o que significa carregar tantas raízes polonesas em minha história. Trisavós, bisavós e um avô, todos vindos da Polônia. Mendelski, Chmielewski, Grabski, Wilke, Jankosz e Zubko são alguns dos sobrenomes mais próximos, mas a lista vai muito além. Mazowieckie, Łódzkie, Kujawsko-Pomorskie, Galicja e a região de Varsóvia são alguns dos lugares de onde vieram meus antepassados, em busca, certamente, de melhores condições de vida.



Nesta foto estão: 1 e 2 – Casal Walenty e Apolônia Wilke, pais dos demais na foto;
3 – Wanda (depois Jankosz); 4 – Bronislau (mais tarde casaria com Sofia Jankosz, sobrinha de Nicolau Jankosz);
5 – Janina (depois Drabowski); 6 – Anita (depois Gores). O caçula Luciano ainda não havia nascido.
Curitiba, 1907. Acervo pessoal.

Meu trisavô Walenty Wilke chegou ao Brasil com a família em 1890 e foi parar em Santa Catarina. Sua filha Wanda, minha bisavó, já nascida em terras brasileiras, contava que ouvia os indígenas caminhando ao redor da casa enquanto os mais velhos iam para a roça e as crianças ficavam em casa. Mais tarde, a família mudou-se para Curitiba. Wanda tornou-se costureira, casou-se com meu bisavô Nicolau Jankosz e teve quatro filhos, entre eles minha avó Janina, que, por uma confusão com o idioma, acabou registrada como Joana Apolonia.



Nesta foto estão: 1 – Lúcia Jankosz; 2 – Janina Jankosz; 3 – Leon Zubko; 4 – Wanda Jankosz; 5 – Nicolau Jankosz; 6 – Sabina Jankosz; 7 – Julius Alberto Jankosz. Local: Al. Dª Júlia da Costa, 389, Curitiba. Ano: 1932. Acervo pessoal.

Nicolau Jankosz, meu bisavô, era sapateiro e nasceu em 1886, em Złota, na região da Małopolska. Em 1908, veio para o Brasil com a família de um de seus irmãos mais velhos. Muitos de seus irmãos permaneceram na Polônia, e até hoje mantemos contato com seus descendentes, um elo precioso entre os dois lados do oceano.



Nesta foto: Janina Jankosz e Leon Zubko, meus avós paternos, aprox. 1931, Curitiba. Acervo pessoal.

Minha avó Janina casou-se com Leon Zubko, de cuja união nasceu meu pai, Ludomir. Leon, nascido em Varsóvia em 1906, tinha pouco mais de vinte anos quando chegou ao Brasil, em 1926, também em busca de oportunidades e de uma vida melhor.

Do lado materno, meu trisavô Aleksander Mendelski chegou ao Brasil em 1890, acompanhado da esposa e de cinco filhos. Entre eles estava minha bisavó Anna Mendelska, que daria continuidade a mais um ramo dessa história familiar.



Nesta foto: Anna (nascida Mendelski) Chmielewski, Miguel Chmielewski, atrás, em pé, Bronislawa Izabel (minha avó) e Adão Brás. Porto Alegre, aprox. 1925. Acervo pessoal.

Meu bisavô Jakób Chmielewski chegou em 1891 com a esposa, Wiktoria, e o filho Michał. Na chegada, a família usava outro sobrenome: Holm. Em algum momento, já no Brasil, deixou de usar Holm e passou a adotar Chmielewski. Mas o sobrenome original não desapareceu por completo: voltou a surgir na geração seguinte, no neto Adão, e permanece entre minhas primas, descendentes desse ramo. Por que e em que circunstâncias essa mudança aconteceu? É um mistério que ainda espero desvendar.



Nesta foto: Família Grabski, aprox. 1904, as crianças em pé atrás: Matilde, Wanda e João (meu avô), os mais velhos, da esquerda para a direita: Josefa, Izabel, Camila e Francisco Grabski (meus bisavós), Edwiges e Ladislau. Duas filhas mais velhas não estavam nesta foto. Acervo pessoal.

Meu bisavô Franciszek Grabski veio para o Brasil em 1900 com sete filhos — outros dois nasceriam aqui —, fugindo da polícia russa por escrever textos considerados subversivos. Dessa história de coragem e ruptura nasceu também a história de meu avô João Grabski, que, em 1931, se casou com minha avó Bronisława Izabel Chmielewska. Ela detestava ser chamada de Bronia: preferia Izabel, uma gaúcha de faca na bota, como gostava de se definir. Desse casamento nasceu minha mãe, Marila.

As mulheres da família sempre tiveram um papel fundamental na preservação das tradições polonesas ao longo das gerações. Foram elas que mantiveram vivos os sabores da culinária, os costumes, as festas, os laços com a comunidade polonesa e, sobretudo, a transmissão do idioma. Queria tanto que minha avó Janina ainda estivesse aqui para ver que essa herança continua viva em mim. Ela, que dançou no grupo folclórico, que era uma mulher de negócios, mas que aos sábados vestia o avental para fazer *pierogi*; que puxava conversa em polonês com os netos e cantava, com sua voz afinada, o *Sto Lat* nos aniversários de todos.

Gostaria que ela soubesse o quanto me orgulho de minhas raízes e dessa gente batalhadora e perseverante, que atravessou oceanos em busca de uma vida melhor e, apesar da distância, manteve viva uma parte de si. Hoje, ao aprender e preservar o idioma de meus antepassados e ao pesquisar suas trajetórias, sinto que também contribuo para a continuidade dessa história. Cada documento encontrado, cada nome recuperado e cada lembrança resgatada traz um pouco deles de volta à nossa memória. É a minha maneira de honrar aqueles que vieram antes de mim e de manter vivas suas histórias, suas tradições e essa polonidade que também me constitui, para que continue a fazer parte das gerações que virão.

Marcia Aurelia Zubko - marciazubko@gmail.com

Realização:

CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento:

Senat – Polonia 2026

Apoio:

KUL